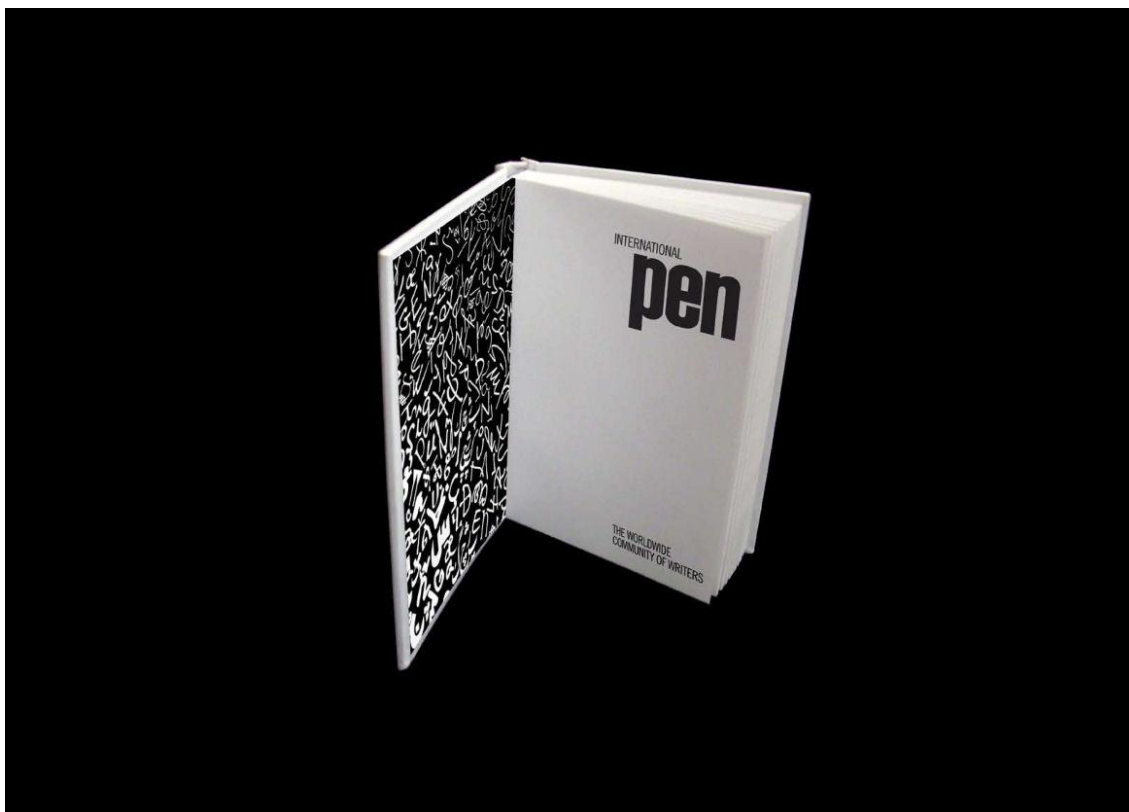


Boletim informativo

PENport 3 (Julho de 2011)



Teresa Salema: Intempestivamente?

Subitamente ou talvez não, descobrimos que nem a fortaleza Europa é segura. Há poucos meses, uma jornalista citava a conhecida obra de Stefan Zweig *Die Welt von gestern* [O mundo de ontem] para significar que estaríamos perante um terramoto semelhante ao que representou a Primeira GM. Mais do que a Segunda, que rematou uma sequência de abalos estruturais no curto período entre 1918 e 1939. Tão pouco é por acaso que George Steiner, no que é porventura o seu mais comovedor e inquietante texto do volume *No Castelo do Barba Azul. Algumas Notas para a redefinição da Cultura* (“Uma Temporada no Inferno”), publicado pela Relógio d’Água em 1992, fala de uma espécie de nova Guerra dos Trinta Anos entre 1915 e 1945. Tudo isto, claro, visto a uma distância que permite leituras e interpretações históricas mais abrangentes e sintéticas.

Não temos hoje ainda essa distância. Se podemos perguntar-nos, numa visão sistémica do mundo, o que é mais aterrorizador, se os sobressaltos económico-financeiros, se as alegadas crises de valores simbólicos religiosos ou ideológicos, se a

ameaça que o derretimento dos gelos pode significar para a erupção de vulcões, que deixam de ter esse travão e podem obnubilar os céus e causar danos imprevisíveis.

Tudo isto e muito mais momentos podem servir de matéria-prima para obras disfóricas que se comprazem em remexer em cenários de desertificação, de desumanização – literárias ou outras. Mas há outros desafios, porventura mais estimulantes e menos unilaterais: descobrir e pôr a descoberto os fios frágeis que tornam o mundo habitável, comunicável, reconhecível como forma de partilha. É nisso que a cidadania da literatura do PEN se propõe continuar, desde a sua criação em 1021, na sombra de muitos desencantos que contudo não tinham conseguido sufocar toda a esperança num mundo mais humano, todo o empenhamento por causas reconhecidas como sendo comuns.

Julho de 2011
Teresa Salema

Notícias dos Comités

Comité dos Escritores na Prisão (WiPC)

Teve lugar em Bruxelas, de 24 a 27 de Março de 2011, a reunião deste comité. O nosso Centro esteve representado por Teresa Salema e o respectivo relatório pode ser lido no blog Novidades (<http://novidades.penclubportugues.org>). Chamamos a atenção para a consulta regular do mesmo, uma vez que a sua actualização é feita assiduamente com casos de escritores e jornalistas perseguidos, ameaçados ou assassinados e com instruções para apelos que podem ser dirigidos aos governos que não respeitam, ou não podem fazer face à violência exercida sobre, os direitos e a liberdade dos mesmos escritores e jornalistas.

TS

Um excerto do extenso relatório da Presidente Marian Botsford Fraser (mbf@internationalpen.org.uk) é reproduzido a seguir:

Friday morning, the conference began. We had several objectives: to explore connections between WiPC/PEN and the European Community; to move forward with several key policy issues, including digital media, religious defamation and exploring the basis for a network of European centres. Over three days we heard six Frontline Reports, from individuals invited to Brussels to share their experiences and their analysis. Our guests were Deo Namujimba, in exile from the Congo, Parwez Kambakhsh, in exile from Afghanistan, Naziha Rejiba, now back in Tunisia, Arthur Gakwandi from Uganda, Andrej Khadanovich from Belarus, and Heng Sreang from the new PEN centre in Cambodia. We had also invited Ricardo Alfonso Gonzalez, living in Spain after his release from a Cuban prison last autumn, but because he is seeking asylum, he was unable to leave Spain and instead sent us a moving statement, which I

read as part of my opening remarks on Friday morning; you'll find links to both statements below, as well as a link to the provocative keynote address delivered by ICPC President Tienchi Liao Martin. (A shoutout to the online human rights magazine Sampsonia Way for showcasing our conference: www.sampsoniaway.org)

Highlights: I've heard from many of you that the Frontline Reports were especially valuable, and I would add to those the reports we heard during the Digital Media session, from Sri Lanka, Iran and China. We were very honoured to have with us Heidi Hautala, Chair of the European Parliament's Subcommittee on Human Rights, who spoke frankly and knowledgeably in a dialogue with John Ralston Saul. The session on MENA was exhilarating, with our own WiPC staffer, Ghias al-Jundi's overview illuminated by his personal experience on Syria, followed by his conversation/interpretation with Naziha Rejiba of Tunisia. We heard for the first time from Parwez Kambakhsh about his experience of serving 21 months in seven prisons, while awaiting either execution or a pardon from President Karzai, and how PEN centres worked together in an extraordinarily sophisticated manner with their own embassies and the UN to get him out of Afghanistan.

Challenges: The overall scheduling was determined by the co-ordination of three conferences under the umbrella of Passaporta; as a result we did have fewer hours solely for our meetings than we had in Glasgow, for example. The good news is that we heard from every centre present, and the bad news is that while many people spoke succinctly, not everyone did. I personally believe that centre reports are essential to a conference, as we all otherwise focus almost entirely on our centre work and it is valuable to make comparisons and gather new ideas. Unfortunately this (and a few other scheduling issues) meant that other sections of the agenda had to be shortened, for which I apologize, and thank you all for working within these constraints. I know that spirited conversations took place outside the conference room. But I know that many people share my regret that there was not sufficient time for planning our next steps.

Outcomes: The situation in Belarus came into focus and many centres indicated a desire to learn more and work on this issue. We agreed to a statement of support for Turkish PEN, and to a statement of support for the Irish PEN Centre, in their campaign to get a constitutional referendum on the issue of blasphemy before the end of the year. We began work on a new strategy for Mexico, following up on a recent study carried out by PEN Canada. There was a fruitful session on how European centres should work together as a network. We began a lively discussion about the role of the WiPC in PEN International and our work on a wide range of freedom of expression issues, but this discussion was cut short. A strong proposal from Scottish PEN on cooperative fundraising involving PEN International and the centres was introduced, but needs further conversations, with both the PEN International board and with more centres. Following an excellent discussion on the challenges of digital media, a number of individuals agreed to work on this subject to see it might be the topic for an open session involving all centres at the next Congress. There was agreement that we need to develop a policy concerning digital media. We received about 15 questionnaires, for which thanks, and we're in the process of analyzing and summarizing those.

During our committee meeting at the Congress, in September, I hope we can pick up directly on many of the conversations we began in Brussels and set policy and campaign objectives for the next year.

A footnote: On Sunday, after our final session we learned that the United Nations Human Right Council had unanimously passed a resolution affirming the protection of individual rights to religious beliefs and practices, which means that the campaign to make blasphemy a crime has been abandoned. There's a link below to the news release issued by PEN International several days after the conference.

Comité dos Escritores para a Paz (WfPC)

Este Comité, sediado em na Eslovénia, organizou o encontro anual de 4 a 8 de Maio de 2011, em Bled. As 3 mesas redondas consecutivas, têm por título: Bibliodiversidade e o futuro da escrita, Liberdade de expressão: censura aberta e coberta e A imagem do estrangeiro na literatura como caminho para a paz. O relatório de Teresa Salema, também Vice-presidente deste Comité, pode ser lido no respectivo blog <http://permanentwhisper.penclubportugues.org>. O seu presidente: continua a ser Edvard Kovács (edvard.kovac@guest.arnes.si)

Destaque-se, nas discussões ocorridas nas três mesas redondas, as posições consensuais tanto sobre a possibilidade de coexistência dos *media* em suporte tradicional e digital, muito embora sejam conhecidos os desafios a que o livro impresso se encontra exposto, como acerca da existência de censura mesmo nos países em que a liberdade de expressão se encontra constitucionalmente garantida.

Do texto apresentado por Teresa Salema para a terceira mesa redonda (On the road between pages with a multitude of strangers, and me among them) transcreve-se a seguir um excerto. (Quase nenhum texto foi lido, o que tornou a discussão tanto mais viva.)

From literature we also experience processes of identification. Which characters are sympathetic to us, which roles we often play secretly, resembling to the figures under whose skin we feel easy to slipper? But precisely because this is a process, we soon realize how differences and discrepancies become clearer and clearer, and therefore we become strange to them, and also a stranger towards ourselves.

To promote that capacity of handling with strangeness means to approach literature with the open attitude of purposelessness. We do it for its own sake, incidentally in the same way as we should approach a strange face. We are aware of all the light-years of knowledge and experience, all the black holes that lie in the great history of mankind, but in spite of that we keep trying to build small narratives upon our experience of reading, of facing the Other. We are looking for meaning instead of (immediate) love, for insight instead of deceiving images of happiness. We are cultivating a mental space that promotes the ability of living with ambivalence. All strangers have several Doppelgänger within us. Literature and art have shown this to us since the most primitive times. Freud has just asserted it. Some writers handled genially with this insight. Pessoa once wrote that he felt to be just one as a prison. As we know, he escaped from that prison by creating several heteronyms.

Walking with our own Doppelgänger, we keep struggling with him, or her, or even them. But we also escape from the prison of identity obsessions. And at the end of the road, we may feel happy because we breathe freely, without having been pursuing happiness, or any form of essentialism, as a primary purpose. And most important of all, we make peace with the strangers inside and outside us, because on our way we have learned how to measure and to handle with distance, with mediation, before we arrive at the threshold of our home.

TS

Comité das Mulheres Escritoras do PEN Internacional (IPWWC)

As iniciativas deste Comité, cuja nova Presidente é Kadija George (ipwwcommittee@googlemail.com), são referidas no blog Terra Incognita (<http://terraincognita.penclubportugues.org>). Todas as sócias podem enviar pequenos textos (até 1500 caracteres) para lá serem colocados. Nele inserimos textos da poeta santomense Conceição Lima, agora sócia do PEN por convite.

TS

Comité de Tradução e Direitos Linguísticos (TLRC)

Este Comité, sediado actualmente em Barcelona, teve o seu encontro anual em Girona, de 11 a 13 de Maio de 2011, em torno do tema **Direitos linguísticos e transparência informativa**. Participaram Maria João Reynaud, que moderou uma mesa redonda, e Francisco Belard. O relatório do encontro, em língua castelhana, pode ser consultado no blog <http://proximidade.penclubportugues.org>. Transcreve-se a seguir, igualmente na versão castelhana, a proposta de Manifesto (referido no final do relatório acima mencionado), a aprovar no Congresso de Belgrado em Setembro de 2011 e que condensa o conteúdo dos 52 artigos da Declaração Universal dos Direitos Linguísticos de 1996.

MANIFIESTO DE GIRONA SOBRE DERECHOS LINGÜÍSTICOS

El PEN Internacional reúne a los escritores del mundo.

Hace quince años, el Comité de Traducción y Derechos Lingüísticos del PEN Internacional hizo pública en Barcelona la Declaración Universal de Derechos Lingüísticos.

Hoy, aquel mismo Comité, reunido en Girona, proclama un Manifiesto con los diez principios centrales de la Declaración Universal.

1. La diversidad lingüística es un patrimonio de la humanidad, que debe ser valorado y protegido.

2. *El respeto por todas las lenguas y culturas es fundamental en el proceso de construcción y mantenimiento del diálogo y de la paz en el mundo.*
3. *Cada persona aprende a hablar en el seno de una comunidad que le da la vida, la lengua, la cultura y la identidad.*
4. *Las diversas lenguas y las diversas hablas no son sólo instrumentos de comunicación; también son el medio en el que los humanos crecen y las culturas se construyen.*
5. *Toda comunidad lingüística tiene derecho a que su lengua sea utilizada como oficial en su territorio.*
6. *La enseñanza escolar debe contribuir a prestigiar la lengua hablada por la comunidad lingüística del territorio.*
7. *El conocimiento generalizado de diversas lenguas por parte de los ciudadanos es un objetivo deseable, porque favorece la empatía y la abertura intelectual, al tiempo que contribuye a un conocimiento más profundo de la lengua propia.*
8. *La traducción de textos –particularmente de los grandes textos de las diversas culturas– representa un elemento muy importante en el necesario proceso de mayor conocimiento y respeto entre los humanos.*
9. *Los medios de comunicación son altavoces privilegiados cuando se trata de hacer efectiva la diversidad lingüística y de prestigiarla con competencia y rigor.*
10. *El derecho al uso y protección de la lengua propia debe ser reconocido por las Naciones Unidas como uno de los derechos humanos fundamentales.*

Comité de Traducción y Derechos Lingüísticos del PEN Internacional

Girona, mayo del 2011

Presidente do Comité: Josep Maria Terricabras (josepm.terrucas@udg.edu).

Textos do Tempo

In memoriam Francis King (1923-2011)

No passado dia 3 de Julho, deixou-nos Francis King, autor de numerosos romances publicados entre 1946 e 2007. Entre eles, contam-se *Act of Darkness* (1983), a autobiografia *Yesterday Came Suddenly* (1993) e a colectânea de contos *The Sunlight on the Garden* (2006).

F. King foi Presidente do PEN Internacional entre 1986 e 1989. Os factos mais relevantes ocorridos durante o seu mandato foram a admissão do Centro PEN Russo-soviético (actualmente Centro PEN Russo) no Congresso de Maastricht em 1989 e a declaração de *fatwa* sobre Salman Rushdie pela publicação da obra *Satanic Verses* [*Versículos Satânicos*] no mesmo ano. Tal ocorrência foi imediatamente sentida como um atentado contra a liberdade de expressão, para além da ameaça à integridade física não apenas do autor como de quem ousasse tomar publicamente a defesa da obra. Isto para não falar dos riscos corridos por livrarias ou empresas de expedição de livros (numa época anterior à internet) que não retirassem a sua obra das suas lojas ou dos seus catálogos. Como sabemos, a vida do autor alterou-se radicalmente desde então.

O papel do PEN, tanto a nível dos Centros por todo o mundo como do PEN Internacional, foi o de separar a defesa intransigente da liberdade de expressão e a necessária mediação face a países e grupos islâmicos, entre os quais se contavam vozes críticas à referida *fatwa*. No obituário do PEN Internacional, é destacada a sua “voz calma e firme, encorajando todos a erguerem-se contra esse ataque sem precedentes à liberdade de expressão, mas também buscando tácticas que acalmassem a situação”. Saliente-se, de passagem, que a direcção do Centro português do PEN enviou um telegrama à Embaixada da República Islâmica do Irão, manifestando uma profunda preocupação por essa ameaça à liberdade de criação. Por outras palavras: a acção dos Centros PEN, a nível internacional, centrou-se na preocupação de proteger os objectos das ameaças, pessoas e obras e seus divulgadores, sem mencionar poderes, ideologias e executores que tinham lançado a referida *fatwa*.

Transcrevemos, no original, algumas declarações recentes que Francis King proferiu a propósito da sua obra:

Critics sometimes say that they find my work "depressing" and my readers sometimes ask why I never write about "nice" people or "normal" people—not surprisingly perhaps, since mine is an attitude of profound, if resigned, pessimism about the world. I do not expect people to behave consistently well, and my observation is that few of them do. But I should like to think that the tolerance and compassion that I genuinely feel are also reflected in my writing.

I have always been preoccupied with style and form. I feel that I am most successful in achieving both if the reader is unconscious of any straining for them.

In my early books, written at a period of loneliness in my own life, isolation is a recurrent theme; in my later books I see now that envy and jealousy—to my mind the least attractive of human traits—have taken over.

*My biggest and most successful novels were *The Custom House* and *Act of Darkness*. The novel that comes nearest to saying what I wanted to say—and that cost me most—was *A Domestic Animal*.*

Eixos do Mundo

Como foi noticiado, estive entre nós no passado dia 2 de Maio o grande poeta chinês Yang Lian, membro da direcção do PEN Internacional e do Centro do PEN Chinês Independente. No âmbito do ciclo de conferências **Poesia e Liberdade**, organizado na Biblioteca do Museu da República e Resistência (v. informação abaixo), falou-nos acerca da criatividade política e poética, intervenção que se prolongou no jantar de convívio do PEN, ocorrido no final desse mesmo dia.

Transcrevemos aqui dois poemas seus, com a tradução de Maria do Sameiro Barroso:

ANOTHER DECADE, HUDSON RIVER

then we turn our backs to the symbols

*sit into another river
a dark blue corner of a dark blue room*

*when hearing is blacker ten years the jetty has leaned whispering against water
in the little park ten years the tender green accordion of trees has played
children charging down the April to April steps*

*clouds charging down their reflection water now bright now dark
and squirrel's pulped organs open
a blood-red photo album reality stings even through glass
even a soaked hand couldn't touch the lined-up days*

*river a blank textbook hanging from the past window
questioning now only the single remaining page no need to learn vagrancy
weariness tethered to a water bird flying low
the spinning whirlpool exit for all the world's skyscrapers
flee flee to plastic flowers no need to learn vanishing*

*Hudson just like a name formed by the sound of the wind
lamplight's passing glance just like ghost fire hidden in human bodies*

*switched on just like a notch blown away at will
a rosy notch twilight recorded on the sky
whoever has understood it will live into a poem
unending past events*

*room in a room filled with water of a decade
corner in a corner painting the dark blue of distance
the way we sit forever turning our backs on the ocean
listening to the waves shatter rubble savagely smashing a decade
telephone lines broken cries for help blindly float through a decade
river the colour of forgetting can't forget
each day two hands full of crimson steel tumbling straight down*

*no need to learn burning handful of ash fixed in
tight-shut eyes moon like a scooped-out pip
singing contralto requiem for every river valley
every place that flows away appears each time after dying
banks paved underfoot have been thousands of times removed
a pale fishbone always has another end glowing with phosphorescent light
endurance to slap a lifetime's final
farewell pushing out tonight again*

*with the look of a room thrust into the universe survey how much this sunken ship
could further sink
our backs turned to zero drawn as the horizon*

*how much farther it migrates then crazy blue is blue enough to be black
in a lost accent Hudson pressed against
a bluestone wellhead buried at the gate of an ancient Chinese village
destruction touches its own diameter of one day
one drop gathers snow left for us
with the beauty of survivors and the cruelty of survivors*

OUTRA DÉCADA, RIO HUDSON

então viramos as costas aos símbolos

*voltamo-nos para outro rio
um canto azul escuro de um quarto azul escuro*

*quando a escuta é mais sombria dez anos o pontão se apoiou murmurando na água
no pequeno parque dez anos o tenro acordeão verde das árvores tocou
as crianças descendo os degraus de Abril para Abril*

*as nuvens descarregando os seus reflexos a água ora luminosa ora escura
e a polpa dos órgãos dos esquilos aberta
um álbum de fotografia a vermelho de sangue a realidade fere mesmo através do vidro
nem mesmo uma mão molhada poderia tocar os dias alinhados*

*rio um texto em branco pendendo da janela passada
questionando agora apenas a página que fica não é necessário aprender a vadiagem
o cansaço amarrado a uma ave aquática que voa baixo
o turbilhão que roda saída para todos os que escalam o mundo
foge foge para as flores plásticas não é necessário aprender a desaparecer*

*Hudson como uma palavra formada pelo som do vento
a luz das lâmpadas passando os olhos como o fogo dos espectros escondido nos
corpos
acesos como um entalhe arrasado à vontade
o entalhe róseo de um crepúsculo registado no céu
quem o tiver compreendido num poema viverá
o passado que não finda*

*quarto dentro de um quarto cheio com a água de uma década canto num canto
pintando o escuro azul da distância
a forma como voltamos para sempre as costas para o oceano
escutando o despedaçar das ondas estilhaçadas no furor selvagem esmagando uma
década
as linhas telefônicas destruídas os pedidos de ajuda flutuando cegamente por toda
uma década
o rio a cor do esquecimento não pode esquecer
em cada dia duas mãos cheias de aço tingido de carmesim caindo inertes*

*não é necessário aprender a queimar uma mão cheia de cinza fixada
os olhos bem fechados a lua como uma pevide retirada
cantando em contralto... o requiem para todos os vales do rio
cada lugar que desaparece surge de novo após a morte
os bancos pavimentados nos subterrâneos foram removidos milhares vezes sem fim
uma espinha pálida possui sempre uma outra ponta que brilha com luz fosforescente
resistência para arremessar o final de uma vida
despedindo-se voltando a surgir esta noite*

*com o olhar de um quarto confinado à vigilância do universo quanto mais se poderia
ainda afundar este barco afundado
com as nossas costas voltadas para o zero desenhadas como horizonte
até onde migra pois o louco azul é suficientemente azul para ser negro
num acento perdido Hudson pressionado contra
uma nascente de pedra azul enterrada à porta de uma antiga aldeia chinesa
a destruição toca o seu próprio diâmetro de um dia
uma gota junta a neve que nos foi deixada
com a beleza dos sobreviventes e a crueldade dos sobreviventes*

Banned Poem

GRAFTON BRIDGE

*as you cross the cemetery beneath the bridge
closes in
pinetrees raise suspicious faces
an ocean of the dead like iron, giving off a fishy
smell
the rusty sunlight has passed by
sniffs at you like an old dog
a dog staring the scene is particularly clear from
the bridge*

*a sky shrivelled by extinct volcanoes a dark red fist
a drop of the past's blood on a low-budget
headstone
clouds merge into yesterday's storm
and are fouled by the claws of birds*

*transparent windows opened by the balustrade you
brought home
you cross the bridge at home
an entire city lodged in a sickroom
green weeds linking so many feet together
under a stone roof the stone master closes in
in an iron corridor the iron master closes in
fantasizing with the eyes death need not speed up
that end where you go away and turn old
the dead on the lawn looking down at you are all
the same
distance away*

*but you have to come back as though fettered by
handcuffs of glass
to overhaul every pier of today's sins
a child running crazy among snow-white seagulls
standing suddenly still crying loudly for the stars
with a pain abruptly extended in the night bitterly
weeping*

Note: Grafton Bridge, Auckland, NZ.
Known locally as 'Suicide Bridge'

Poema Banido

PONTE GRAFTON

*quando atravessas... o cemitério por baixo da ponte
lugares ocultos
em pinheiros suscitam faces suspeitas
o oceano dos mortos como ferro, exalando um
cheiro a peixe
o sol enferrujado passou
cheira-te como um velho cão
um cão olhando fixamente a cena é
particularmente clara vista da ponte*

*um céu enrugado por vulcões extintos um punho
vermelho escuro
uma gota do sangue passado na pedra tumular de
baixo custo
nuvens mergulham na tempestade de ontem
e são atulhadas pelas garras das aves*

*janelas transparentes abriam-se pela balaustrada
que trouxeste para casa
atravessas a ponte em casa
uma cidade inteira alojada num quarto doente
ervas verdes ligando tantos pés
sob um telhado de pedra o mestre de cantaria
aproxima-se
num corredor de ferro o mestre da metalurgia
aproxima-se
fantasiando com os olhos a morte não precisa de
apressar
aquele final no qual te despedes e envelheces
os mortos no relvado olhando para ti são sempre o
mesmo
vistos à distância*

*mas tens que regressar como que acorrentado por
algemas de vidro
para inspeccionar todos os peritos dos pecados de
agora
uma criança correndo louca entre gaiivotas brancas
como a neve
parando de repente gritando pelas estrelas
com uma dor estendida abruptamente ... chorando
amargamente*

Nota: Ponte Grafton, Auckland, N.Z. conhecida localmente como “Ponte do Suicídio”.

Notícias do PEN

Terceira Antologia de autores do PEN

Literatura e Inquietude - Antologia de Literatura Portuguesa Contemporânea

Esta antologia encontra-se já no prelo, com textos de 9 autores do PEN (3 poetas, 4 ensaístas e 2 narradores), sendo oportunamente distribuída pelos sócios com a quotização regularizada.

Forum Saramago

Continua aberto um fórum a todos os centros do PEN para que os colegas em todo o mundo pudessem expressar-se sobre o nosso Prémio Nobel e escritor de dimensão universal.

Envio de textos (até 6 linhas) para geral@penclubportugues.org

Jantares de convívio

Os dois últimos jantares foram realizados no Restaurante Chaminés do Palácio, em 2 de Maio, com a presença de Yang Lian, e 4 de Julho, após a conferência realizada na Biblioteca do Museu da República e Resistência por Manuel Frias Martins (v. abaixo).

Sessões literárias

Entre Abril e Julho, tiveram lugar as seguintes iniciativas do PEN, no âmbito dos ciclos A Cidade e a Escrita (org. Maria João Cantinho), Poesia e Liberdade (org. Maria do Sameiro Barroso) e A Palavra sobre a Palavra, encontro com escritores em homenagem a Eduardo Prado Coelho (org. Maria João Reynaud e José Rui Teixeira):

4 de Abril: *'e o mar a bater ao fundo': o escritor na prisão*, por Teresa Salema - Ciclo Poesia e Liberdade, na Biblioteca do Museu da República e Resistência, Lisboa

11 de Abril: Maria João Cantinho conversando com Richard Zimler e Ana Cristina Silva – Ciclo A Cidade e a Escrita, na Biblioteca do Goethe-Institut, Lisboa

28 de Abril: Fernando Guimarães conversando com Rosa Alice Branco – ciclo A Palavra sobre a Palavra, encontro com escritores em homenagem a Eduardo Prado Coelho, Clube Literário do Porto

2 de Maio: *Be Creative, Poetically and Politically*, por Yang Lian - Ciclo Poesia e Liberdade, na Biblioteca do Museu da República e Resistência, Lisboa

6 de Maio: Fernando J. B. Martinho conversando com Albano Martins - ciclo A Palavra sobre a Palavra, encontro com escritores em homenagem a Eduardo Prado Coelho, Clube Literário do Porto

6 de Junho: *Maria Teresa Horta: uma voz livre e insubmissa*, por Fernando J. B. Martinho, com a presença da autora - Ciclo Poesia e Liberdade, na Biblioteca do Museu da República e Resistência, Lisboa

7 de Junho: Maria João Cantinho conversando com Cristina Carvalho e Gonçalo M. Tavares – Ciclo A Cidade e a Escrita, na Biblioteca do Goethe-Institut, Lisboa

7 de Junho: Maria Irene Ramalho conversando com Ana Luísa Amaral - ciclo A Palavra sobre a Palavra, encontro com escritores em homenagem a Eduardo Prado Coelho, Clube Literário do Porto

16 de Junho: Isabel Pires de Lima conversando com António Rebordão Navarro - ciclo A Palavra sobre a Palavra, encontro com escritores em homenagem a Eduardo Prado Coelho, Clube Literário do Porto

4 de Julho: *Poesia e política: alguns aspectos do caso português*, por Manuel Frias Martins - Ciclo Poesia e Liberdade, na Biblioteca do Museu da República e Resistência, Lisboa

Informações

Próximas sessões a realizar pelo PEN (v. <http://graphias.penclubportugues.org>)

Lisboa

Ciclo “Poesia e Liberdade”, organizado por Maria do Sameiro Barroso, na Biblioteca-Museu da República e Resistência

19 de Setembro - Anna Cortils (Presidente da Associação Cataluny Apresenta)

"A poesia catalã como eixo fulcral da consciência da nação - S. XX: o século de ouro da literatura catalã."

10 de Outubro - João Rui de Sousa

“António Ramos Rosa, o poeta da liberdade livre”

7 de Novembro - Miguel Serras Pereira

“Sophia: Uma Poética Exemplar”

5 de Dezembro - António Graça Abreu

"Traduzir os poetas da China: criação, reinvenção e fascínios."

PEN Clube Português - www.penclubportugues.org; geral@penclubportugues.org

Campo dos Mártires da Pátria, 37 - 1169-016 Lisboa

Responsáveis por este número: Teresa Salema, Maria João Cantinho, Maria do Sameiro Barroso